José Augusto Mendes Lobato

Marcello Monteiro Gabbay

Constituída na convergência das discussões sobre narrativas, linguagem, cultura, estética e mídia, **NARRATIO** divulga, nesta nova edição, trabalhos que exploram limites, confluências e discussões internas e ao redor de objetos midiáticos que ressaltam os vínculos entre construções narrativo-discursivas e a conformação do campo social, com tudo o que há aí de político em sentido amplo.

Chegamos a mais um ano de atividades confrontados pelos elementos que conferem riqueza e diversidade à revista; um desafio que, aliás, vemos emergir constantemente nos programas de pesquisa das instituições de ensino superior brasileiras. Confrontados com a busca de foco e especificidade, descortinamos, a cada edição, a cada ano de atividade, mais complexidade temática e de referencial teórico-metodológico nos escritos de nossas autoras e nossos autores.

Mais precisamente, notamos até aqui uma crescente quantidade de trabalhos que abarcam os universos das audiovisualidades – a cultura audiovisual em geral, a televisão, o cinema e as remediações e interações transmidiáticas –, de um lado, e reflexões sobre processos midiáticos e seus impactos sobre objetos empíricos diversificados (jornalísticos, publicitários, empresariais, ficcionais etc.), de outro. Esses temas frequentes em **NARRATIO** parecem apontar para onde as inquietações da pesquisa em Comunicação e Artes caminham hoje em nosso País, sobretudo nos eixos temáticos de nosso Foco e Escopo. E aparecem, de modo notável, nos objetos e reflexões dos textos desta edição.

Seis trabalhos compõem a seção de Artigos Livres, dos quais quatro gravitam em torno do audiovisual, e se somam a um texto na seção Iniciação à Pesquisa. O primeiro artigo, “Potencialidades do conceito de escrevivência

para a análise de narrativas sobre a trajetória de mulheres migrantes com deficiência”, de Gabriela Francine Camargo, Laura Adler Lara de Oliveira e Ângela Cristina Salgueiro Marques, faz um relevante estudo dos depoimentos de mulheres migrantes com deficiência divulgados em relatórios da ACNUR, a Agência das Nações Unidas para Refugiados. O conceito de escrevivência, de Conceição Evaristo, é articulado para a análise das narrativas consideradas em contextos de escuta atenta, acolhimento e empatia, uma relação de alteridade cada vez mais necessária em tempos fragmentados, de contínuos deslocamentos e migrações.

Contextos mercadológicos e o universo da música alternativa se unem nas discussões sobre a cultura sonora em “A canção urbana no tempo da internet: a música alternativa brasileira”, artigo assinado por Felipe Faraco e Sandro Pavão. O estudo reúne autores que problematizam as noções de mercado atreladas à influência da internet sobre o campo musical do País, avaliando como são os processos midiáticos – da circulação de produtos culturais à configuração de estratégias de visibilidade e marketing de artistas – associados à nova cena musical do País.

Em seguida, Marcella Ferrari Boscolo assina “Do estereoscópio à realidade virtual: um século de ruptura da tradição bidimensional no cinema”. Este trabalho contextualiza a convergência entre cinema e realidade virtual explorando manifestações – RV, 3D etc. – e como estas se conectam aos esforços de evolução em estratégias imersivas, para isso recorrendo a conceitos consagrados das teorias do cinema e das mídias.

A linha de discussão em torno de objetos audiovisuais continua em “Explorando a Semiosfera: fronteira e o cotidiano em Kiarostami e Taniguchi”, de Thiago Henrique Gonçalves Alves. O trabalho compara cinema e mangá a partir de conceitos como os de fronteira, semiose e semiosfera, associados à semiótica da cultura, bem como por meio do conceito de cotidiano e seus reflexos nas obras de Abbas Kiarostami e Jiro Taniguchi – respectivamente, o filme “Onde fica a casa do meu amigo?” e o mangá “O homem que passeia”.

Murilo Bronzeri é o autor do quinto texto desta edição, “Remediações Digitais e Relações Virtuais: “The Sick Thing That Happened to Emily When She Was Younger” (2012) e “Face 2 Face” (2016)”. Trata-se de um trabalho dedicado à análise de filmes narrados por meio de *desktops*, examinando os processos de remediação das obras e a abordagem de relacionamentos constituídos em ambiente virtual, com uma abordagem que reúne a análise fílmica bordwelliana e trabalhos sobre o *screenlife* em distintos gêneros e formas do cinema.

Fechando a seção de Artigos Livres, um texto sobre jornalismo, poder, visibilidade e liberdade de expressão propõe uma discussão extranarrativa, sobre as relações entre imprensa e democracia. “Poder e liberdade de imprensa: caso Rubens Valente explicita os riscos ao direito à informação” é assinado por Ana Elizabeth Vasconcelos, Moacir Assumpção e Rosinei Naves e analisa o caso da condenação do jornalista Rubens Valente após a publicação de seu livro “Operação Banqueiro”, explorando as relações entre os círculos de poder, o sistema judiciário e o capitalismo e os reflexos dessa triangulação sobre a produção jornalística.

Por fim, “Vogler e K-pop: a jornada do herói no trailer do álbum NOEASY do grupo Stray Kids”, de Gabriela Glória de Oliveira e da orientadora Fernanda Elouise Budag, apresenta na seção Iniciação à Pesquisa um estudo que aplica as etapas e funções da narrativa conforme a perspectiva da jornada do herói retrabalhada por Christopher Vogler para analisar o trailer do álbum NOEASY, do grupo de k-pop Stray Kids. Trata-se de um interessante exemplo de aplicação dos estudos da narrativa aos objetos da cultura midiática contemporânea, cujos primeiros resultados e reflexões aparecem nesta edição.

Diante do desafio de traçar (ou tecer) linhas discursivas que unam a multiplicidade de debates dos textos selecionados, limitamo-nos a negar um relato artificial que os fusione; propomos reafirmar a importância de reconhecê-las como parte de um tecido mais amplo, fragmentado e plural, análogo às ciências da comunicação, reunindo pesquisadores de diferentes instituições e trajetórias cujas contribuições são visualizadas de modo mais pontual nos

textos das próximas páginas. Às autoras e aos autores, bem como aos mais de 12 pareceristas que avaliaram os trabalhos, nossos agradecimentos mais sinceros, bem como aos membros de nosso corpo editorial.